

COLEÇÃO EM CENA



2ª Edição

A CANTORA CARECA

EUGÈNE IONESCO

Uma publicação
do Programa
Nacional
SALAS DE
LEITURA
BIBLIOTECAS
ESCOLARES

2



PAPIRUS

EUGÈNE IONESCO

tradução
Maria Lúcia Perelra



A
CANTORA 0257-92050
CARECA



P A P I R U S E D I T O R A

Título original em francês: *La cantatrice chauve*
© Editions Gallimard, 1954

Tradução: Maria Lúcia Pereira
Capa: Fernando Comacchia
Foto: Rennato Testa
Revisão: Vera Luciana Morandim
Camilla Praxedes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ionesco, Eugène, 1912-1994
A cantora careca / Eugène Ionesco; tradução: Maria Lúcia Pereira. — 2ª ed. — Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Em Cena).

ISBN 85-308-0222-5

I. Teatro francês. I. Título. II. Título. Anti-teatro. teatro do absurdo. III. Série.

97-0718

CDD-842.91

Índices para catálogo sistemático:

- 1 Século 20. Teatro. Literatura francesa. 842.91
- 2 Teatro. Século 20. Literatura francesa. 842.91

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
29/02/97

179197 00

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA.
© M R Comacchia & Cia Ltda — Papyrus Editora — Matriz -
Fone (019) 231-3534 e 231-8500 - C.P. 736 - CEP 13001-870
Campinas — Filial - Fone (011) 570-2877 - São Paulo - Brasil.

Proibida a reprodução total ou parcial. Editora afiliada à ABDA.



A Cantora Careca foi representada pela primeira vez no Théâtre des Noctambules, em 11 de maio de 1950, pela Companhia Nicolas Bataille, com encenação de Nicolas Bataille.



PERSONAGENS

SR. SMITH
SRA. SMITH
SR. MARTIN
SRA. MARTIN
MARY, A EMPREGADA
O CAPITÃO DOS BOMBEIROS



Interior burguês inglês, com poltronas inglesas. Uma noitada inglesa. O Sr. Smith, um inglês, em sua poltrona e com chinelos ingleses, fuma seu cachimbo inglês e lê um jornal inglês, perto de uma lareira inglesa. Usa óculos ingleses, um bigodinho grisalho, inglês. A seu lado, numa outra poltrona inglesa, a Sra. Smith, uma inglesa, remenda meias inglesas. Um longo momento de silêncio inglês. O relógio inglês bate dezessete badaladas inglesas.



CENA 1



SRA. SMITH

Veja só, são 9 horas. Nós comemos sopa, peixe, batatas com toucinho, salada inglesa. As crianças beberam água inglesa. Comemos bem, esta noite. Isto porque moramos nos arredores de Londres e nosso nome é Smith.

O Sr. Smith continua sua leitura e estala a língua.

SRA. SMITH

Batatas ficam ótimas com toucinho, o azeite da salada não estava rançoso. O azeite da mercearia da esquina é de bem melhor qualidade que o azeite da mercearia ali da frente, é melhor até que o azeite da mercearia da esquina de baixo. Não que eu queira dizer que o azeite deles é ruim.

O Sr. Smith continua sua leitura e estala a língua.

SRA. SMITH

Desta vez a Mary cozinhou bem as batatas. Da última vez ela não as cozinhou direito. Só gosto de batatas bem cozidas.



O Sr. Smith continua sua leitura e estala a língua.

SRA. SMITH

O peixe era fresco. Eu lambi os beiços. Repeti duas vezes. Não, três vezes. O que me dá vontade de ir ao banheiro. Você também repetiu três vezes. Porém, na terceira vez, você pôs menos que nas duas primeiras vezes, ao passo que eu pus mais, muito mais. Esta noite eu comi melhor que você. Como é que foi isso? Geralmente, você é quem come mais. Se tem algo que não lhe falta é apetite.

O Sr. Smith estala a língua.

SRA. SMITH

No entanto, talvez a sopa estivesse um pouco salgada demais. Ela estava com mais sal do que você. Ah, ah, ah. Ela também estava com alho-porro demais e pouca cebola. Me arrependi de não haver aconselhado a Mary a acrescentar um pouco de anis estrelado. Na próxima vez, eu saberei o que fazer.

O Sr. Smith continua sua leitura e estala a língua.



SRA. SMITH

Nosso garotinho bem que gostaria de tomar cerveja, ele gostaria de encher a cara, ele se parece com você. Você o viu à mesa, como ele olhava para a garrafa. Mas eu pus água da jarra no copo dele. Ele estava com sede e bebeu. Hélène se parece comigo: é boa dona de casa, é econômica, toca piano. Ela nunca pede para tomar cerveja inglesa. É como a nossa garotinha que só toma leite e só come mingau. Bem se vê que ela só tem 2 anos. Ela se chama Peggy.

A torta de marmelo e de feijão estava ótima. Talvez tivéssemos feito bem em tomar, na sobremesa, um copinho de vinho Borgonha australiano mas eu não trouxe o vinho para a mesa para não dar um mau exemplo de gula às crianças. É preciso ensiná-las a serem sóbrias e comedidas na vida.

O Sr. Smith continua sua leitura e estala a língua.

SRA. SMITH

A Sra. Parker conhece um romeno, dono de mercearia, chamado Popesco Rosenfeld, que acabou de chegar de Constantinopla. É um grande especialista em iogurte. É formado pela escola de fabricantes de iogurte de Andrinopla. Amanhã eu vou comprar dele um

grande caldeirão de iogurte romeno folclórico. Não é sempre que se tem dessas coisas por aqui, nos arredores de Londres.

O Sr. Smith continua sua leitura e estala a língua.

SRA. SMITH

Iogurte é excelente para o estômago, para os rins, para apendicite e para apoteose. Quem me disse foi o Dr. Mackenzie-King que trata dos filhos dos nossos vizinhos, os Johns. Ele é um bom médico. Pode-se confiar nele. Só receita remédios que já experimentou nele mesmo. Antes de mandar o Parker se operar, primeiro ele mandou operarem o seu próprio fígado, sem nem estar doente.

SR. SMITH

Mas então, como é que o doutor se deu bem e o Parker morreu?

SRA. SMITH

Porque a operação do doutor foi bem-sucedida e a do Parker não.

A CANTORA CARECA

SR. SMITH

Então o Mackenzie não é um bom doutor. As duas operações deveriam ter sido bem-sucedidas ou então os dois deveriam ter sucumbido.

SRA. SMITH

Por quê?

SR. SMITH

Um médico consciencioso deve morrer com o doente se eles não conseguirem se curar juntos. O comandante de um barco perece com o barco, nas ondas. Ele não sobrevive ao barco.

SRA. SMITH

Não se pode comparar um doente a um barco.

SR. SMITH

Por que não? O barco também tem suas doenças; aliás, o seu doutor é tão saudável quanto um navio; esta é mais uma razão para que ele tenha que perecer junto com o doente como o doutor e seu barco.

SRA. SMITH

Ah! Eu não tinha pensado nisso... Talvez seja isso mesmo... E então, que conclusão você tira daí?

SR. SMITH

Que todos os doutores não passam de charlatães. E todos os doentes também. Só a marinha é honesta na Inglaterra.

SRA. SMITH

Mas não os marinheiros.

SR. SMITH

Naturalmente.

Pausa.

SR. SMITH

(sempre com seu jornal)

Tem uma coisa que eu não entendo. Por que na rubrica do estado civil, no jornal, sempre dão a idade

A C A N T O R A C A R E C A

das pessoas falecidas e nunca dos recém-nascidos? É um absurdo.

SRA. SMITH

Eu nunca me perguntei isso!

Um outro momento de silêncio. O relógio bate sete vezes. Silêncio. O relógio bate três vezes. Silêncio. O relógio não bate nenhuma vez.

SR. SMITH

(sempre no seu jornal)

Veja, está escrito aqui que Bobby Watson morreu.

SRA. SMITH

Nossa, coitado, quando foi que ele morreu?

SR. SMITH

Por que é que você está com essa cara de espanto? Você já sabia. Faz dois anos que ele morreu. Lembra que fomos ao enterro dele, há um ano e meio?

SRA. SMITH

Claro que me lembro. Eu me lembrei imediatamente, mas não estou entendendo por que é que você ficou tão espantado ao ver isso no jornal.

SR. SMITH

Não estava no jornal. Já faz três anos que falaram do falecimento dele. Eu me lembrei por associação de idéias!

SRA. SMITH

Que pena! Ele era tão conservado.

SR. SMITH

Era o cadáver mais bonito da Grã-Bretanha! Não aparentava a idade que tinha. Coitado do Bobby, fazia quatro anos que ele tinha morrido e ainda estava quente. Um verdadeiro cadáver vivo. E como estava alegre!

SRA. SMITH

Coitada da Bobby.

A CANTORA CARECA

SR. SMITH

Você quer dizer coitado “do” Bobby.

SRA. SMITH

Não, estou pensando é na mulher dele. Ela também se chamava Bobby, Bobby Watson. Como eles tinham o mesmo nome, só se conseguia distinguir um do outro quando estavam juntos. Só depois da morte dele é que se pôde realmente saber quem era um e quem era o outro. No entanto, até hoje tem gente que a confunde com o morto e lhe dá os pêsames. Você a conhece?

SR. SMITH

Eu só a vi uma vez, por acaso, no enterro do Bobby.

SRA. SMITH

Eu nunca a vi. Ela é bonita?

SR. SMITH

Ela tem traços regulares mas não se pode dizer que seja bonita. Ela é grande demais e forte demais. Seus traços não são regulares mas pode-se dizer que ela é

muito bonita. Ela é pequena demais e magra demais.
É professora de canto.

O relógio bate cinco vezes. Um longo tempo.

SRA. SMITH

E quando é que os dois pretendem se casar?

SR. SMITH

No máximo, na primavera que vem.

SRA. SMITH

Sem dúvida teremos que ir ao casamento deles.

SR. SMITH

Teremos que dar-lhes um presente de casamento.
Eu me pergunto o quê.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Por que não oferecemos a eles uma das sete bandejas de prata que ganhamos no nosso casamento e que nunca serviram para nada?

Breve silêncio. O relógio bate duas vezes.

SRA. SMITH

Deve ser triste para ela ter enviuvado tão moça.

SR. SMITH

Ainda bem que não tiveram filhos.

SRA. SMITH

Só lhes faltava isso! Filhos! Pobre mulher, que é que ela faria com eles!

SR. SMITH

Ela ainda é moça. Pode muito bem casar de novo. O luto lhe cai tão bem!

SRA. SMITH

Mas quem cuidará dos filhos? Você sabe muito bem que eles têm um menino e uma menina. Como é que eles se chamam?

SR. SMITH

Bobby e Bobby, como os pais. O tio de Bobby Watson, o velho Bobby Watson, é rico e gosta do garoto. Ele poderia muito bem se encarregar da educação de Bobby.

SRA. SMITH

Seria natural. É a tia de Bobby Watson, a velha Bobby Watson, poderia muito bem, por sua vez, se encarregar da educação de Bobby Watson, a filha de Bobby Watson. Assim, a mãe de Bobby Watson, Bobby, poderia se casar de novo. Ela já está com alguém em vista?

SR. SMITH

Sim, um primo de Bobby Watson.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Quem? Bobby Watson?

SR. SMITH

De qual Bobby Watson você está falando?

SRA. SMITH

De Bobby Watson, o filho do velho Bobby Watson, o outro tio de Bobby Watson, o morto.

SR. SMITH

Não, não é este, é outro. É Bobby Watson, o filho da velha Bobby Watson, a tia de Bobby Watson, o morto.

SRA. SMITH

Você está querendo dizer Bobby Watson, o caixeiro-viajante?

SR. SMITH

Todos os Bobby Watson são caixeiros-viajantes.

SRA. SMITH

Que profissão dura! No entanto, faz-se bons negócios.

SR. SMITH

Sim, quando não há concorrência.

SRA. SMITH

E quando é que não há concorrência?

SR. SMITH

Às terças, quintas e terças.

SRA. SMITH

Ah, três dias por semana? E que faz Bobby Watson neste período?

A C A N T O R A C A R E C A

SR. SMITH

Ele descansa, ele dorme.

SRA. SMITH

Mas por que é que ele não trabalha nesses três dias se não há concorrência?

SR. SMITH

Eu não posso saber tudo. Não posso responder a todas as suas perguntas idiotas!

SRA. SMITH
(ofendida)

Você está dizendo isto para me humilhar?

SR. SMITH
(todo sorridente)

Você sabe muito bem que não.

SRA. SMITH

Os homens são todos iguais! Vocês ficam aí, o dia inteiro, com o cigarro na boca ou então passando pó-de-arroz e pintando os lábios, cinquenta vezes por dia, quando não ficam bebendo sem parar!

SR. SMITH

Mas que é que você diria se visse os homens fazerem como as mulheres, fumando o dia inteiro, se empoando, passando batom, bebendo uísque?

SRA. SMITH

Por mim, estou pouco ligando! Se você está dizendo isso para me aborrecer, então... você sabe muito bem que não gosto de brincadeiras desse tipo!

*Atira longe as meias e mostra os dentes.
Levanta-se.*

SR. SMITH

*(que se levanta e se encaminha para a mulher,
ternamente)*

Ah, meu franguinho assado, por que é que você está cuspidando fogo! Você sabe que eu estou dizendo isso de brincadeira! *(Pega-a pela cintura e dá-lhe um beijo.)* Que ridículo casal de velhos namorados nós somos! Venha, vamos parar com isso e vamos nanar!

CENA 2



Os mesmos e MARY

MARY
(*entrando*)

Eu sou a empregada. Passei uma tarde muito agradável. Fui ao cinema com um homem e vi um filme com mulheres. Na saída do cinema fomos beber aguardente e leite e depois lemos o jornal.

SRA. SMITH

Espero que você tenha passado uma tarde bem agradável, que tenha ido ao cinema com um homem e que tenha bebido aguardente e leite.

SR. SMITH

E o jornal!

MARY

O Sr. e a Sra. Martin, seus convidados, estão à porta. Estavam me esperando. Não se atreviam a entrar sozinhos. Iam jantar com vocês, esta noite.

A CANTORA CARECA

SRA. SMITH

Ah, sim. Nós os esperávamos. E estávamos com fome. Como não os vimos chegar, íamos comer sem eles. Não comemos nada, o dia inteiro. Você não deveria ter-se ausentado!

MARY

Foi a senhora quem me deu permissão.

SR. SMITH

Mas não fizemos de propósito.

MARY

(cai na risada. Depois começa a chorar. Sorri)

Comprei um penico.

SRA. SMITH

Minha querida Mary, queira abrir a porta e faça o Sr. e a Sra. Martin entrarem, por favor. Vamos nos vestir rapidamente.

O Sr. e a Sra. Smith saem à direita, Mary abre a porta à esquerda pela qual entram o Sr. e a Sra. Martin.

CENA 3



A C A N T O R A C A R E C A

MARY, o casal MARTIN

MARY

Por que é que você vieram tão tarde! Que falta de educação! É preciso chegar na hora, entenderam? Mesmo assim, sentem-se ali, e agora esperem.

Sai.

CENA 4



A C A N T O R A C A R E C A

Os mesmos, menos MARY

O Sr. e a Sra. Martin sentam-se frente a frente, sem se falarem. Sorriem um para o outro, timidamente.

SR. MARTIN

(o diálogo que se segue deve ser dito com voz arrastada, monótona, meio cantante, sem nuances)

Desculpe, minha senhora, mas me parece, se não estou enganado, que a conheço de algum lugar.

SRA. MARTIN

Eu também, meu senhor, parece que o conheço de algum lugar.

SR. MARTIN

Por acaso, minha senhora, eu não a teria visto em Manchester?

SRA. MARTIN

É bem possível. Eu sou da cidade de Manchester! Mas não me lembro muito bem, meu senhor, eu não poderia dizer se o vi ou não!

SR. MARTIN

Meu Deus, que curioso! Eu também sou da cidade de Manchester, minha senhora!

SRA. MARTIN

Que curioso!

SR. MARTIN

Que curioso!... Só que eu, minha senhora, saí de Manchester há mais ou menos cinco semanas!

SRA. MARTIN

Que curioso! Que estranha coincidência! Eu também, meu senhor, saí da cidade de Manchester há mais ou menos cinco semanas.

SR. MARTIN

Peguei o trem das 8 e meia da manhã, que chega em Londres às 15 para as 5, minha senhora.

SRA. MARTIN

Que curioso! Que estranho! E que coincidência! Eu também peguei o mesmo trem, meu senhor.

A CANTORA CARECA

SR. MARTIN

Meu Deus, que curioso! Então, minha senhora, talvez eu a tenha visto no trem?

SRA. MARTIN

É bem possível, pode ser, é plausível, e, afinal, por que não!... Mas eu não me lembro disso, meu senhor!

SR. MARTIN

Eu estava viajando de segunda classe, minha senhora! Não existe segunda classe na Inglaterra, mas assim mesmo eu viajo de segunda classe.

SRA. MARTIN

Que estranho, que curioso, e que coincidência! Também eu, meu senhor, estava viajando de segunda classe!

SR. MARTIN

Que curioso! Talvez nós tenhamos nos encontrado na segunda classe, minha cara senhora!

SRA. MARTIN

É bem possível, pode ser. Mas eu não me lembro muito bem, meu caro senhor!

SR. MARTIN

Meu lugar era no vagão número 8, 6º compartimento, minha senhora!

SRA. MARTIN

Que curioso! Meu lugar também era no vagão número 8, 6º compartimento, meu caro senhor!

SR. MARTIN

Que curioso-e que estranha coincidência! Talvez nós tenhamos nos encontrado no 6º compartimento, minha cara senhora?

SRA. MARTIN

É bem possível, afinal! Mas eu não me lembro, meu caro senhor!

A CANTORA CARECA

SR. MARTIN

Para falar a verdade, minha cara senhora, eu também não me lembro, mas é possível que tenhamos nos visto lá, e, pensando bem, a coisa me parece mesmo bem possível!

SRA. MARTIN

Oh! Realmente, é claro, realmente, meu senhor!

SR. MARTIN

Que curioso!... Meu lugar era o número 3, perto da janela, minha cara senhora.

SRA. MARTIN

Oh, meu Deus, que curioso e que estranho! meu lugar era o número 6, perto da janela, em frente ao senhor, meu caro senhor.

SR. MARTIN

Oh, meu Deus, que curioso e que coincidência!... Nós estávamos então frente a frente, minha cara senhora! É aí que devemos ter-nos visto!

SRA. MARTIN

Que curioso! É possível mas eu não me lembro, meu senhor!

SR. MARTIN

Para falar a verdade, minha cara senhora, eu também não me lembro. Contudo, é bem possível que nós tenhamos nos visto naquela ocasião.

SRA. MARTIN

É verdade, mas eu não estou muito certa disso, meu senhor.

SR. MARTIN

Mas não foi a senhora, minha cara senhora, a senhora me pediu para pôr sua maleta no bagageiro e que em seguida me agradeceu e me deu permissão para fumar?

SRA. MARTIN

É sim, devia ser eu, meu senhor! Que curioso, que curioso, e que coincidência!

A CANTORA CARECA

SR. MARTIN

Que curioso, que estranho, que coincidência! Muito bem, e então, então talvez nós tenhamos nos conhecido naquele momento, minha senhora?

SRA. MARTIN

Que curioso e que coincidência! É bem possível, meu caro senhor! Contudo, acho que não me lembro.

SR. MARTIN

Eu também não, minha senhora.

Um momento de silêncio. O relógio bate 2-1.

SR. MARTIN

Desde que cheguei a Londres, moro na rua Bromfield, minha cara senhora.

SRA. MARTIN

~~Que curioso, que estranho!~~ Eu também, desde a minha chegada a Londres, moro na rua Bromfield, meu caro senhor.

SR. MARTIN

Que curioso, mas então, mas então, talvez nós tenhamos nos encontrado na rua Bromfield, minha cara senhora.

SRA. MARTIN

Que curioso; que estranho! É bem possível, afinal! Mas eu não me lembro, meu caro senhor.

SR. MARTIN

Eu moro no número 19, minha cara senhora.

SRA. MARTIN

Que curioso, eu também moro no número 19, meu caro senhor.

SR. MARTIN

Mas então, mas então, mas então, mas então, mas então, talvez nós tenhamos nos visto naquela casa, minha cara senhora?

A CANTORA CARECA

SRA. MARTIN

É bem possível, mas eu não me lembro, meu caro senhor.

SR. MARTIN

Meu apartamento fica no 5º andar, é o número 8, minha cara senhora.

SRA. MARTIN

Que curioso, meu Deus, que estranho! E que coincidência! Eu também moro no 5º andar, no apartamento nº 8, meu caro senhor!

SR. MARTIN

(reflexivo)

Que curioso, que curioso, que curioso e que coincidência! Sabe, no meu quarto, eu tenho uma cama. Minha cama fica coberta com um edredon verde, encontra-se no fim do corredor, entre o lavabo e a biblioteca, minha cara senhora!

SRA. MARTIN

Que coincidência, ah meu Deus, que coincidência! Meu quarto também tem uma cama com um edredon verde e se encontra no fim do corredor, entre o lavabo, meu caro senhor, e a bibliotecal

SR. MARTIN

Que estranho, curioso! Então, minha senhora, moramos no mesmo quarto e dormimos na mesma cama, minha cara senhora. Talvez seja lá que nós tenhamos nos encontrado!

SRA. MARTIN

Que curioso e que coincidência! É bem possível que tenhamos nos encontrado lá, e talvez até mesmo na noite passada. Mas eu não me lembro, meu caro senhor!

SR. MARTIN

Eu tenho uma filhinha, minha filhinha, ela mora comigo, minha cara senhora. Ela tem 2 anos, é loira, tem um olho branco e um olho vermelho, é muito bonita e se chama Alice, minha cara senhora.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Que estranha coincidência! Eu também tenho uma filhinha, ela tem 2 anos, um olho branco e um olho vermelho, é muito bonita e também se chama Alice, meu caro senhor!

SR. MARTIN

(com a mesma voz arrastada, monótona)

Que curioso e que coincidência! E estranho! Talvez seja a mesma, minha cara senhora!

SRA. MARTIN

Que curioso! É bem possível, meu caro senhor.

Um momento de silêncio bem longo... O relógio bate vinte e nove vezes.

SR. MARTIN

(após refletir longamente, levanta-se lentamente e, sem se apressar, dirige-se até a Sra. Martin que, surpresa com o ar solene do Sr. Martin, também se levantou, muito suavemente; o Sr. Martin fala com a mesma voz singular, monótona, vagamente cantante)

Então, minha cara senhora, creio que não há dúvida, nós já nos vimos e a senhora é minha própria esposa... Elisabeth, eu reencontrei você!

SRA. MARTIN

(aproximando-se do Sr. Martin sem se apressar. Eles se abraçam sem expressão. O relógio soa uma vez, muito forte. A batida do relógio deve ser tão forte que deve fazer os espectadores se sobressaltarem. O casal Martin não a ouve.)

SRA. MARTIN

Donald, é você, darling!

Eles se sentam na mesma poltrona, permanecem abraçados e adormecem. O relógio bate ainda várias vezes. Mary, na ponta dos pés, um dedo nos lábios, entra suavemente em cena e dirige-se ao público.

CENA 5



Os mesmos e MARY

MARY

Elisabeth e Donald estão, agora, felizes demais para poderem me ouvir. Posso, portanto, revelar-lhes um segredo. Elisabeth não é Elisabeth. Donald não é Donald. Aqui está a prova: a criança de que Donald fala não é a filha de Elisabeth, não é a mesma pessoa. A filhinha de Donald tem um olho branco e outro vermelho, assim como a filhinha de Elisabeth. Mas enquanto a filha de Donald tem o olho direito branco e o olho esquerdo vermelho, a filha de Elisabeth tem o olho direito vermelho e o esquerdo branco! Assim, todo o sistema de argumentação de Donald cai por terra ao se chocar com esse último obstáculo que anula toda a sua teoria. Apesar das extraordinárias coincidências que parecem ser provas definitivas, Donald e Elisabeth, não sendo pais da mesma criança, não são Donald e Elisabeth. É inútil ele pensar que é Donald, é inútil ela pensar que é Elisabeth. É inútil ele pensar que ela é Elisabeth. É inútil ela pensar que ele é Donald: eles estão redondamente enganados. Mas quem é o verdadeiro Donald? Quem é a verdadeira Elisabeth? Quem, então, tem interesse em fazer essa confusão? Eu não sei de nada. Nem precisamos saber. Deixemos as coisas como estão. *(Dá alguns passos em direção à porta, depois volta e se dirige ao público.)* Meu verdadeiro nome é Sherlock Holmes.

Sai.

CENA 6



A CANTORA CARECA

Os mesmos e MARY

O relógio bate à vontade. Depois de inúmeros instantes, o Sr. e a Sra. Martin se separam e retomam os lugares em que estavam no início.

SR. MARTIN

Esqueçamos, darling, tudo o que não aconteceu entre nós e, agora que nos reencontramos, tratemos de nos perder mais e vivamos como antes.

SRA. MARTIN

Sim, darling.

CENA 7



A CANTORA CARECA

Os mesmos e os SMITH

O Sr. e a Sra. Smith entram à direita, sem nenhuma mudança de roupa.

SRA. SMITH

Boa noite, queridos amigos! Perdoem-nos por tê-los feito esperar tanto tempo. Pensamos que deveríamos conceder-lhes as honras às quais vocês têm direito e, desde que soubemos que vocês queriam dar-nos o prazer de virem nos ver sem anunciar sua visita, fomos imediatamente vestir nossos trajes de gala.

SR. SMITH

Nós não comemos nada o dia inteiro. Faz quatro horas que estamos esperando vocês. Por que é que chegaram atrasados?

O Sr. e a Sra. Smith sentam-se em frente aos visitantes. O relógio sublinha as réplicas, com mais ou menos força, conforme o caso.

Os Martin, principalmente ela, têm um ar embaraçado e tímido. É por isso que a

conversa engata dificilmente e as palavras vêm, de início, com dificuldade. Um longo silêncio constrangido no princípio, depois outros silêncios e hesitações na seqüência.

SR. SMITH

Hum.

Silêncio.

SRA. SMITH

Hum, hum.

Silêncio.

SRA. MARTIN

Hum, hum, hum.

Silêncio.

SR. MARTIN

Hum, hum, hum, hum.

Silêncio.

A CANTORA CARECA

SRA. MARTIN

Oh, decididamente.

Silêncio.

SR. MARTIN

Estamos todos resfriados.

Silêncio.

SR. SMITH

Mas não está fazendo frio.

Silêncio.

SRA. SMITH

Não há corrente de ar.

Silêncio.

SR. MARTIN

Oh não, felizmente.

Silêncio.

SR. SMITH

Ah, la la la la.

Silêncio.

SR. MARTIN

O senhor está triste?

Silêncio.

SRA. SMITH

Não. Ele está de saco cheio.

Silêncio.

SRA. MARTIN

Ah, meu senhor, na sua idade, o senhor não deveria.

Silêncio.

SR. SMITH

O coração não tem idade.

Silêncio.

A C A N T O R A C A R E C A

SR. MARTIN

É verdade.

Silêncio.

SRA. MARTIN

Dizem.

Silêncio.

SRA. MARTIN

Também dizem o contrário.

Silêncio.

SR. SMITH

A verdade está no meio.

Silêncio.

SR. MARTIN

Exato.

Silêncio.

SRA. SMITH
(ao casal Martin)

Vocês, que viajam tanto, devem ter muita coisa interessante para contar.

SR. MARTIN
(à sua mulher)

Diga, querida, que é que você viu hoje?

SRA. MARTIN

Não vale a pena, não acreditariam em mim.

SR. SMITH

Nós não vamos pôr em dúvida a sua boa fé!

SRA. SMITH

A senhora nos ofenderia se pensasse assim.

SR. MARTIN
(à sua mulher)

Você os ofenderia, querida, se pensasse assim...

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN
(*graciosa*)

Muito bem, hoje assisti a uma coisa extraordinária.
Uma coisa incrível.

SR. MARTIN

Diga logo, querida.

SR. SMITH

Ah, vamos nos divertir.

SRA. SMITH

Finalmente.

SRA. MARTIN

Muito bem, hoje, indo ao mercado para comprar
legumes que estão cada vez mais caros...

SRA. SMITH

Onde é que vamos parar!

SR. SMITH

Não se deve interromper, querida, sua malvada.

SRA. MARTIN

Eu vi, na rua, perto de um bar, um senhor, convenientemente vestido, com uns 50 anos de idade, nem isso, que...

SR. SMITH

Quê, quê?

SRA. SMITH

Quê, quê?

SR. SMITH
(à sua mulher)

Não se deve interromper, querida, você é uma chata!

SRA. SMITH

Querido, você é que interrompeu primeiro, seu grosso!

A C A N T O R A C A R E C A

SR. MARTIN

Chit! (*à sua mulher*) Que é que esse senhor estava fazendo?

SRA. MARTIN

Muito bem, vocês vão dizer que eu estou inventando, mas ele havia se ajoelhado e estava curvado.

SR. MARTIN, SR. SMITH, SRA. SMITH

Oh!

SRA. MARTIN

É, curvado.

SR. MARTIN

Não é possível.

SRA. MARTIN

É, curvado. Eu me aproximei para ver o que ele estava fazendo...

SR. SMITH

E então?

SRA. MARTIN

Ele estava amarrando o cordão do sapato que havia desamarrado.

OS OUTROS TRÊS

Fantástico!

SR. SMITH

Se não fosse a senhora que dissesse, eu não acreditaria.

SR. MARTIN

Por que não? A gente vê coisas mais extraordinárias ainda quando anda por aí. Eu mesmo vi hoje, no metrô, sentado num banco, um senhor que lia tranquilamente o jornal.

SRA. SMITH

Que original!

A C A N T O R A C A R E C A

SR. SMITH

Talvez fosse o mesmo!

Ouve a campainha na porta da frente.

SR. SMITH

Veja, estão tocando.

SRA. SMITH

Deve ser alguém. Vou ver. (*Vai ver. Abre e volta.*)
Ninguém.

Senta-se novamente.

SR. MARTIN

Vou dar um outro exemplo...

Campainha.

SR. SMITH

Veja, estão tocando.

SRA. SMITH

Deve ser alguém. Vou ver. (*Vai ver. Abre e volta.*)
Ninguém.

Volta para o seu lugar.

SR. MARTIN

(*que esqueceu onde estava*)

Eh!...

SRA. MARTIN

Você estava dizendo que ia dar um outro exemplo.

SR. MARTIN

Ah, sim...

Campainha.

SRA. SMITH

Veja, estão tocando.

SRA. SMITH

Eu não vou mais abrir.

SR. SMITH

Sim, mas deve ter alguém!

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Na primeira vez, não tinha ninguém. Na segunda vez, também. Por que é que você acha que agora haveria alguém?

SR. SMITH

Porque tocaram!

SRA. MARTIN

Isso não é uma boa razão.

SR. MARTIN

Mas como? Quando se ouve a campainha tocar, é porque tem alguém à porta, que toca a campainha para que lhe abram a porta.

SRA. MARTIN

Nem sempre. Você viu agora mesmo!

SRA. MARTIN

Na maior parte das vezes, sim.

SR. MARTIN

Eu, quando vou à casa de alguém, toco a campainha para entrar. Acho que todo mundo faz do mesmo jeito e que toda vez que a campainha toca é porque tem alguém.

SRA. SMITH

Teoricamente, é verdade. Mas, na realidade, as coisas são diferentes. Você viu agora mesmo.

SRA. MARTIN

A sua mulher tem razão.

SR. MARTIN

Ah, vocês mulheres, estão sempre defendendo umas às outras.

SRA. SMITH

Muito bem, eu vou ver. Você não vai dizer que eu sou teimosa, mas verá que não tem ninguém! (*Vai ver. Abre a porta e a fecha novamente.*) Como você vê, não tem ninguém.

Volta para o seu lugar.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Ah! esses homens que sempre querem ter razão e que sempre estão enganados!

Ouve-se novamente a campainha.

SR. SMITH

Veja, estão tocando. Deve ter alguém.

SRA. SMITH

(que finge uma crise de raiva)

Não me mande mais abrir a porta. Você viu que é inútil. A experiência nos ensina que quando a gente ouve a campainha tocar, é porque não tem ninguém.

SRA. MARTIN

Jamais.

SR. MARTIN

Isto não está certo.

SR. MARTIN

Está errado, mesmo. Na maior parte das vezes, quando se ouve a campainha tocar, é porque tem alguém.

SRA. SMITH

Ele não desiste.

SRA. MARTIN

O meu marido também é muito teimoso.

SR. SMITH

Tem alguém.

SR. MARTIN

Isto não é impossível.

SRA. SMITH
(*ao seu marido*)

Não.

A C A N T O R A C A R E C A

SR. SMITH

Sim.

SRA. SMITH

Estou lhe dizendo que não. Seja como for, você não me tira mais daqui. Se quiser ir ver, vá você mesmo!

SR. SMITH

Vou.

A Sra. Smith dá de ombros. A Sra. Martin meneia a cabeça.

SR. SMITH, vai abrir.

Ah, how do you do! (*Lança um olhar à Sra. Smith e ao casal Martin, que estão surpresos.*) É o Capitão dos Bombeiros!

CENA 8



A C A N T O R A C A R E C A

Os mesmos, O CAPITÃO DOS BOMBEIROS

BOMBEIRO

(ele usa, é claro, um enorme capacete brilhante e um uniforme)

Bom dia, senhoras e senhores. *(As pessoas ainda estão meio espantadas. A Sra. Smith, zangada, vira a cara e não responde ao cumprimento dele.)* Bom dia, Sra. Smith. A senhora parece zangada.

SRA. SMITH

Oh!

SR. SMITH

É que, bem... minha mulher está um pouco humilhada por não ter tido razão.

SR. MARTIN

Houve, Sr. Capitão dos Bombeiros, uma controvérsia entre a Sra. e o Sr. Smith.

SRA. SMITH

(ao Sr. Martin)

O senhor não tem nada com isso! *(Ao Sr. Smith.)* Peça-lhe que não meta estranhos em nossas brigas familiares.

SR. SMITH

Oh, querida, isso não é tão grave assim. O Capitão é um velho amigo da casa. A mãe dele me fazia a corte, e eu conhecia o seu pai. Ele me pediu para dar-lhe minha filha em casamento quando eu tivesse uma. Ele morreu esperando.

SR. MARTIN

Não é culpa dele nem sua.

BOMBEIRO

Afinal, do que se trata?

SRA. SMITH

Meu marido pretendia...

SR. SMITH

Não, você é que pretendia...

SR. MARTIN

Sim, era ela.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Não, era ele.

BOMBEIRO

Não fiquem nervosos. Me conte isso, Sra. Smith.

SRA. SMITH

Muito bem, vamos lá. Me constrange muito falar-lhe francamente, mas um bombeiro é também um confessor.

BOMBEIRO

E então?

SRA. SMITH

Nós estávamos discutindo porque o meu marido dizia que quando se ouve a campainha tocar, sempre tem alguém.

SR. MARTIN

A coisa é plausível.

SRA. SMITH

E eu dizia que cada vez que toca a campainha, é porque não tem ninguém.

SRA. MARTIN

A coisa pode parecer estranha.

SRA. SMITH

Mas está provada, não por demonstrações teóricas, mas por fatos.

SR. SMTH

Está errado, pois o bombeiro está aqui. Ele tocou a campainha, eu abri, ele estava lá.

SRA. MARTIN

Quando?

SR. MARTIN

Imediatamente.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Sim, mas só depois de ouvirmos tocar uma quarta vez é que achamos alguém. E a quarta vez não conta.

SRA. MARTIN

Isso mesmo. Só contam as três primeiras.

SR. SMITH

Sr. Capitão, deixe-me fazer-lhe, por minha vez, umas perguntas.

BOMBEIRO

Vá em frente.

SR. SMITH

Quando eu abri e vi o senhor, era o senhor mesmo que havia tocada a campainha?

BOMBEIRO

Sim, era eu.

SR. MARTIN

O senhor estava à porta? Estava tocando para entrar?

BOMBEIRO

Não posso negar.

SR. SMITH

(à sua mulher, vitoriosamente)

Está vendo? Eu tinha razão. Quando se ouve a campainha tocar, é porque alguém está tocando. Você não pode dizer que o Capitão não é alguém.

SRA. SMITH

Certamente que não. Repito que estou falando somente das três primeiras vezes pois a quarta não conta.

SRA. MARTIN

E quando tocaram a primeira vez, era o senhor?

BOMBEIRO

Não, não era eu.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Estão vendo? Estavam tocando a campainha e não havia ninguém.

SR. MARTIN

Talvez fosse outra pessoa?

SR. MARTIN

Fazia muito tempo que o senhor estava à porta?

BOMBEIRO

45 minutos.

SR. SMITH

E o senhor não viu ninguém?

BOMBEIRO

Ninguém. Tenho certeza.

SRA. MARTIN

O senhor ouviu quando tocaram a segunda vez?

BOMBEIRO

Sim, mas também não fui eu. E continuava a não ter ninguém.

SRA. SMITH

Vitória! Eu tinha razão.

SR. SMITH
(à sua mulher)

Ainda não. (Ao Bombeiro.) E que é que o senhor estava fazendo na porta?

BOMBEIRO

Nada. Eu estava lá. Estava pensando num monte de coisas.

SR. MARTIN
(ao Bombeiro)

Mas a terceira vez... não foi o senhor que tocou?

A C A N T O R A C A R E C A

BOMBEIRO

Sim, fui eu.

SR. SMITH

Mas quando abriram a porta, não viram o senhor.

BOMBEIRO

É porque eu me escondi... para rir.

SRA. SMITH

Não ria, Sr. Capitão. O caso é triste demais.

SR. MARTIN

Em suma, continuamos sem saber se, quando tocam a campainha, tem ou não alguém à porta!

SRA. SMITH

Nunca ninguém.

SR. SMITH

Sempre alguém.

BOMBEIRO

Vou conciliá-los. Os dois têm um pouco de razão. Quando tocam a campainha, às vezes há alguém, outras vezes não há ninguém.

SR. MARTIN

Isto me parece lógico.

SRA. MARTIN

Também acho.

BOMBEIRO

As coisas são simples, na realidade. (*Ao casal Smith.*) Beijem-se.

SRA. SMITH

Já nos beijamos há pouco.

A CANTORA CARECA

SR. MARTIN

Eles se beijarão amanhã. Eles têm muito tempo.

SRA. SMITH

Senhor Capitão, já que o senhor nos ajudou a esclarecer tudo, fique à vontade, tire seu capacete e sente-se um instante.

BOMBEIRO

Me desculpem, mas não posso demorar. Eu gostaria de tirar o capacete, mas não tenho tempo de me sentar. (*Ele senta, sem tirar o capacete.*) Confesso que vim a casa de vocês para uma coisa completamente diferente. Estou em missão de serviço.

SRA. SMITH

E qual é o seu serviço, Sr. Capitão?

BOMBEIRO

Peço-lhes que queiram perdoar a minha indiscrição (*embaraçadíssimo*); eh... (*aponta o casal Martin*) posso... na frente deles...

SRA. MARTIN

Não se preocupe.

SR. MARTIN

Nós somos velhos amigos. Eles nos contam tudo.

SR. SMITH

Diga.

BOMBEIRO

Muito bem, vamos lá. Tem fogo na casa de vocês?

SRA. SMITH

Por que é que o senhor está-nos perguntando isso?

BOMBEIRO

É porque... desculpem, recebi ordens de apagar todos os incêndios da cidade.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Todos.

BOMBEIRO

Sim, todos.

SRA. SMITH
(*confusa*)

Não sei... acho que não; o senhor quer que eu vá ver?

SR. SMITH
(*fungando*)

Não deve haver nada. Não está cheirando queimado.

BOMBEIRO
(*desolado*)

Nada mesmo? Vocês não teriam nem um foguinho no fogão, alguma coisa queimando no sótão ou no porão? Um principiozinho de incêndio, pelo menos?

SRA. SMITH

Ouçã, não estou querendo magoá-lo, mas acho que, no momento, não temos nada aqui em casa. Prometo avisá-lo assim que houver alguma coisa.

BOMBEIRO

Com isso, a senhora estaria me fazendo um grande favor.

SRA. SMITH

Prometo.

BOMBEIRO

(ao casal Martin)

E na casa de vocês, também não tem nada pegando fogo?

SRA. MARTIN

Não, infelizmente.

SR. MARTIN

(ao Bombeiro)

Os negócios vão mal, neste momento!

BOMBEIRO

Muito mal. Não há quase nada, umas coisinhas, um fogão, um paiol. Nada de sério. Não rende nada. E como não há rendimento, o prêmio por produção é mínimo.

A C A N T O R A C A R E C A

SR. SMITH

Nada vai bem. Em todo lugar é igual. Este ano, o comércio e a agricultura estão iguais ao fogo, não vão bem.

SR. MARTIN

Nada de trigo, nada de fogo.

BOMBEIRO

Nem inundação, também.

SRA. SMITH

Mas açúcar tem.

SR. SMITH

É porque mandam vir do exterior.

SRA. MARTIN

No caso dos incêndios, é mais difícil. Há taxas demais!

BOMBEIRO

Há, mesmo assim, mas também é bastante raro, um ou dois casos de asfixia por gás. Uma jovem se asfixiou, na semana passada; ela havia deixado o gás aberto.

SRA. MARTIN

Ela esqueceu?

BOMBEIRO

Não, ela pensou que era o pente dela.

SR. SMITH

Estas confusões são sempre perigosas!

SRA. SMITH

O senhor já foi ver na casa do vendedor de fósforos?

BOMBEIRO

Não há nada a fazer. Ele tem seguro contra incêndio...

A C A N T O R A C A R E C A

SR. MARTIN

Então vá ver, de minha parte, o vigário de Wakefield!

BOMBEIRO

Não tenho o direito de apagar o fogo na casa dos padres. O Bispo se zangaria. Eles apagam seus fogos sozinhos ou então mandam que vestais o apaguem.

SR. SMITH

Tente ver na casa dos Durand.

BOMBEIRO

Também não posso. Ele não é inglês. É apenas naturalizado. Os naturalizados têm o direito de ter casas, mas não de mandar apagá-las se elas pegarem fogo.

SRA. SMITH

No entanto, quando pegou fogo lá no ano passado, apagaram-no assim mesmo!

BOMBEIRO

Ele apagou o fogo sozinho. Clandestinamente. Ah, mas não sou eu quem vai denunciá-lo.

SR. SMITH

Nem eu.

SRA. SMITH

Já que o senhor não está com muita pressa, Sr. Capitão, fique mais um pouco. Seria um prazer para nós.

BOMBEIRO

Vocês querem que eu conte anedotas?

SRA. SMITH

Ah, lógico, o senhor é um encanto.

Dá-lhe um beijo.

SR. SMITH, SRA. MARTIN, SR. MARTIN

Sim, sim, anedotas, viva!

Eles aplaudem.

SR. SMITH

E o que é ainda mais interessante é que as histórias do bombeiro são todas verdadeiras, vividas.

A CANTORA CARECA

BOMBEIRO

Eu falo de coisas que eu mesmo experimentei. A natureza, nada além da natureza. Nada de livros.

SR. MARTIN

Exato. A verdade, aliás, não se encontra nos livros, mas na vida.

SRA. SMITH

Comece!

SR. MARTIN

Comece!

SRA. MARTIN

Silêncio, ele vai começar.

BOMBEIRO

(que pigarreja várias vezes)

Me desculpe, não me olhem desse jeito. Vocês me deixam constrangido. Vocês sabem que eu sou tímido.

SRA. SMITH

Ele é um encanto!

Dá-lhe um beijo.

BOMBEIRO

Vou começar assim mesmo. Mas prometam que não vão escutar.

SRA. MARTIN

Mas, se não escutássemos, não ouviríamos o senhor.

BOMBEIRO

Eu não tinha pensado nisso!

SRA. SMITH

Eu disse a vocês: ele é um garotão!

A C A N T O R A C A R E C A

SR. MARTIN, SR. SMITH

Oh, criança querida!

Beijam-no.

SRA. MARTIN

Coragem.

BOMBEIRO

Muito bem, vamos lá. (*Pigarreia mais uma vez, começa com voz trêmula de emoção.*) “O Cão e o Boi”, fábula experimental: uma vez, outro boi perguntou a outro cão: por que é que você não engoliu a sua tromba? Perdão, respondeu o cão, é porque eu pensei que era elefante.

SRA. MARTIN

Qual é a moral?

BOMBEIRO

Vocês é que devem encontrá-la.

SR. SMITH

Ele tem razão.

SRA. SMITH
(*furiosa*)

Outra.

BOMBEIRO

Um bezerrinho havia comido muito vidro moído. Por isso, foi obrigado a parir. Pôs no mundo uma vaca. Contudo, como o bezerro era um rapaz, a vaca não podia chamá-lo de “mamãe”. Ela também não podia dizer-lhe “papai”, porque o bezerro era muito pequeno. O bezerro foi então obrigado a se casar com uma pessoa e o juiz de paz tomou então todas as medidas determinadas pelas circunstâncias da moda.

SR. SMITH

Da moda do Porto.

SR. MARTIN

Como a dobradinha.

BOMBEIRO

Então o senhor a conhece?

SRA. SMITH

Ela estava em todos os jornais.

SRA. MARTIN

Isto aconteceu não muito longe da nossa casa.

BOMBEIRO

Vou-lhes contar outra. "O Galo". Uma vez, um galo quis fingir ser um cachorro. Mas não teve sorte, pois foi imediatamente reconhecido.

SRA. SMITH

Em compensação, o cachorro que quis fingir de galo nunca foi reconhecido.

SR. SMITH

Agora é minha vez, vou-lhes contar uma outra: "A Serpente e a Raposa". Uma vez, uma serpente, aproximando-se de uma raposa, disse: 'Parece que eu

conheço você!’ A raposa respondeu: ‘Eu também.’ Então, disse a serpente, me dê dinheiro. ‘Uma raposa não dá dinheiro’, respondeu o esperto animal que, para escapar, saltou num vale profundo cheio de pés de morango e de mel de galinha. A serpente já a esperava ali, com um riso mefistofélico. A raposa puxou seu punhal berrando: ‘Vou ensiná-la a viver!’ e depois fugiu, dando-lhe as costas. Mas não teve sorte, a serpente foi mais viva. Com um soco bem dado, atingiu a raposa no meio da cara, que se partiu em mil pedaços, exclamando: ‘Não! Não! Quatro vezes não! Eu não sou sua filha’.

SRA. MARTIN

Interessante.

SRA. SMITH

Até que não está mal.

SR. MARTIN

(dando um aperto de mão no Sr. Smith)

Meus parabéns.

A C A N T O R A C A R E C A

BOMBEIRO
(*ciumento*)

Não é famosa. E depois, eu já conhecia essa.

SR. SMITH

É terrível.

SRA. SMITH

Mas não era verdadeira.

SRA. MARTIN

Sim. Infelizmente.

SR. MARTIN
(*à Sra. Smith*)

É sua vez, senhora.

SRA. SMITH

Eu só sei uma. Vou contá-la a vocês. Ela se intitula:
"O Buquê".

SR. SMITH

Minha mulher sempre foi romântica.

SR. MARTIN

É uma verdadeira inglesa.

SRA. SMITH

Aí está: uma vez, um noivo levou um buquê de flores para a noiva dele, que disse *obrigada*; mas antes que ela dissesse *obrigada*, ele, sem dizer uma palavra sequer, tomou as flores que dera a ela para dar-lhe uma lição e, dizendo *estou pegando elas de volta* disse *até logo* a ela pegando as flores de volta e se afastou por aqui, por ali.

SR. MARTIN

Oh, que encanto!

Ele beija ou não beija a Sra. Smith.

SRA. MARTIN

O senhor tem uma mulher, Sr. Smith, que todo mundo inveja.

A C A N T O R A C A R E C A

SR. SMITH

É verdade. Minha mulher é a inteligência em pessoa. Ela é até mais inteligente que eu. Seja como for, dizem que ela é muito mais feminina.

SR. SMITH
(ao Bombeiro)

Mais uma, Capitão.

BOMBEIRO

Oh, não, já é muito tarde.

SR. MARTIN

Mesmo assim, conte.

BOMBEIRO

Estou muito cansado.

SR. SMITH

Faça isso por nós.

SR. MARTIN

Por favor.

BOMBEIRO

Não.

SRA. MARTIN

O senhor tem um coração de gelo. Nós estamos sobre brasas.

SRA. SMITH

(caindo a seus pés, soluçando, ou não)

Eu lhe suplico.

BOMBEIRO

Que seja.

SR. SMITH

(ao ouvido da Sra. Martin)

Ele aceitou! Vai continuar a nos aborrecer.

SRA. MARTIN

Chit!

SRA. SMITH

Nem pensar. Eu fui muito bem educada.

BOMBEIRO

“O resfriado”. Meu cunhado tinha, do lado paterno, um primo-irmão cujo tio materno tinha um sogro cujo avô paterno se casara em segundas núpcias com uma jovem indígena cujo irmão conhecera, numa viagem, uma moça pela qual se apaixonara e com quem teve um filho que se casou com uma intrépida farmacêutica que não era senão a sobrinha de um cabo desconhecido da Marinha britânica e cujo pai adotivo tinha uma tia que falava fluentemente espanhol e que talvez fosse uma das netas de um engenheiro, que morreu moço, ele próprio neto de um proprietário de vinhas das quais se extraía um vinho ordinário, mas que tinha um priminho, ajudante de caseiro, cujo filho havia se casado com uma jovem muito bonita, divorciada, cujo primeiro marido era filho de um sincero patriota que soubera criar, no desejo de fazer fortuna, uma de suas filhas que conseguiu se casar com um caçador que conhecera Rothschild e cujo irmão, após haver muda-

do várias vezes de profissão, casou-se e teve um filho cujo bisavô, muito mesquinho, usava óculos, que lhe haviam sido dados por um primo, cunhado de um português, filho natural de um moleiro, não muito pobre, cujo irmão de leite tomara por esposa a filha de um antigo médico do interior, ele mesmo irmão de leite do filho de um leiteiro, ele mesmo filho natural de outro médico do interior, casado três vezes e cuja terceira mulher...

SR. MARTIN

Se não me engano, eu conheci essa terceira mulher. Ela comia frango num vespeiro.

BOMBEIRO

Não era a mesma.

SRA. SMITH

Chit!

BOMBEIRO

Eu estava dizendo: ...cuja terceira mulher era filha da melhor parteira da região, que ficou viúva muito cedo...

A CANTORA CARECA

SR. SMITH

Como a minha mulher.

BOMBEIRO

...se casara outra vez com um vidraceiro, muito animado, que fizera um filho na filha de um chefe de estação, que soubera trilhar a estrada da vida...

SRA. SMITH

Sua estrada de ferro...

SR. MARTIN

Como nos mapas.

BOMBEIRO

E se casara com uma verdureira, cujo pai tinha um irmão, prefeito de uma cidadezinha, que tomara por esposa uma professora loira cujo primo, que gostava de pescar...

SR. MARTIN

Pescar em águas turvas?

BOMBEIRO

...tomara por esposa uma outra professora, que também se chamava Maria, cujo irmão se casara com uma outra Maria, também professora e loira...

SR. SMITH

Já que ela é loira, só pode ser Maria.

BOMBEIRO

...e cujo pai fora criado no Canadá por uma velha que era sobrinha de um padre cuja avó às vezes pegava, no inverno, como todo mundo, um resfriado.

SRA. SMITH

Uma história curiosa. Quase incrível.

SR. MARTIN

Quando a gente pega um resfriado, tem que comer restos.

A C A N T O R A C A R E C A

SR. SMITH

É uma precaução inútil, mas absolutamente necessária.

SRA. MARTIN

Me desculpe, Senhor Capitão, mas eu não entendi muito bem a sua história. No final, quando se chega à avó do padre, a gente se atrapalha.

SR. SMITH

A gente sempre se atrapalha nas patas do padre.

SRA. SMITH

Oh, sim, Capitão, recomece! Todo mundo está lhe pedindo.

BOMBEIRO

Ah, não sei se vou poder! Estou em missão de serviço. Depende de que hora for.

SRA. SMITH

Nós não temos hora, aqui em casa.

BOMBEIRO

E o relógio?

SR. SMITH

Não está funcionando direito. Ele sofre de espírito de
contradição. Indica sempre o contrário da hora que é.

CENA 9



A C A N T O R A C A R E C A

Os mesmos, com MARY

MARY

Senhora... Senhor...

SRA. SMITH

Que é que você quer?

SR. SMITH

Que é que você veio fazer aqui?

MARY

Que o senhor e a senhora me desculpem... e estas senhoras e senhores também... eu gostaria... de contar também uma anedota.

SRA. MARTIN

Que é que ela está dizendo?

SR. MARTIN

Acho que a empregada dos nossos amigos enlouqueceu... Ela também quer contar uma anedota...

BOMBEIRO

Quem ela pensa que é? (*Olha para ela.*) Oh!

SRA. SMITH

Não se meta onde não é chamada!

SR. SMITH

Você realmente não sabe o seu lugar, Mary...

BOMBEIRO

Oh! Mas é ela! Não é possível!

SR. SMITH

E o senhor?

A C A N T O R A C A R E C A

MARY

Não é possível! Aqui?

SRA. SMITH

Que é que quer dizer tudo isso?

SR. SMITH

Vocês são amigos?

BOMBEIRO

E como!

Mary se pendura no pescoço do Bombeiro.

MARY

Estou feliz em vê-lo... finalmente!

SR. e SRA. SMITH

Oh!

SR. SMITH

Isso é muito forte, aqui, na nossa casa, nos arredores de Londres.

SRA. SMITH

Não é conveniente!...

BOMBEIRO

Foi ela que apagou meus primeiros fogos.

MARY

Eu sou o pequeno jato d'água dele.

SR. MARTIN

Se assim é... caros amigos... estes sentimentos são explicáveis, humanos, dignos...

SRA. MARTIN

Tudo o que é humano é digno.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Mesmo assim não gosto de vê-la aí... entre nós...

SR. SMITH

Ela não tem a educação necessária...

BOMBEIRO

Ah, vocês têm preconceitos demais.

SRA. MARTIN

Quanto a mim, penso que uma empregada, em suma, embora eu não tenha nada com isso, não passa de uma empregada.

SR. MARTIN

Mesmo que às vezes ela possa bancar uma ótima detetive.

BOMBEIRO

Me largue.

MARY

Não se preocupe! Eles não são tão maus assim.

SR. SMITH

Hum... hum... vocês dois são comoventes, mas também um pouco... um pouco...

SR. MARTIN

Sim, essa é a palavra certa.

SR. SMITH

...um pouco exibidos demais...

SR. MARTIN

Existe um pudor britânico — perdoem-me mais uma vez por precisar meu pensamento — incompreendido pelos estrangeiros, até mesmo especialistas, graças ao qual, para me expressar assim... enfim, não estou dizendo isto para vocês...

MARY

Eu queria lhes contar...

A C A N T O R A C A R E C A

SR. SMITH

Não conte nada...

MARY

Oh, sim!

SRA. SMITH

Vá, minha Maryzinha, seja amável e vá ler seus poemas na cozinha, na frente do espelho...

SR. MARTIN

Veja só, mesmo sem ser uma empregada, eu também leio poemas na frente do espelho.

SRA. MARTIN

Hoje de manhã, quando se olhou no espelho, você não se enxergou.

SR. MARTIN

É porque eu ainda não estava lá...

MARY

Mesmo assim, eu poderia, talvez, recitar-lhes um poemazinho.

SRA. SMITH

Minha Maryzinha, você é um horror de teimosia.

MARY

Então vou recitar-lhes um poema, está certo? É um poema que se intitula “O Fogo” em homenagem ao Capitão.

O FOGO

Os policandros brilhavam nos bosques

Uma pedra pegou fogo

O castelo pegou fogo

A floresta pegou fogo

Os homens pegaram fogo

As mulheres pegaram fogo

Os pássaros pegaram fogo

Os peixes pegaram fogo

A água pegou fogo

O céu pegou fogo

A cinza pegou fogo

A fumaça pegou fogo

O fogo pegou fogo

Tudo pegou fogo

Pegou fogo, pegou fogo.

*Ela diz o poema sendo empurrada pelos
Smith para fora da peça.*

CENA 10



A C A N T O R A C A R E C A

Os mesmos, sem MARY

SRA. MARTIN

Isso me deu um frio nas costas...

SR. MARTIN

No entanto, havia um certo calor naqueles versos...

BOMBEIRO

Eu achei maravilhoso...

SRA. SMITH

Mesmo assim...

SR. SMITH

O senhor está exagerando...

BOMBEIRO

Ouçam, é verdade... tudo isso é muito subjetivo... mas esta é a minha concepção de mundo. Meu sonho. Meu ideal... e depois, isto me faz lembrar que devo ir

embora. Já que vocês não têm hora, dentro de exatamente três quartos de hora e 16 minutos tenho um incêndio do outro lado da cidade. Tenho que me apressar. Embora não seja lá grande coisa.

SRA. SMITH

Que será? Um foguinho de fogão?

BOMBEIRO

Ah, nem isso. Um fogo de palha e uma pequena queimação no estômago.

SR. SMITH

Então, nós lamentamos a sua partida.

SRA. SMITH

O senhor esteve divertidíssimo.

SRA. MARTIN

Graças ao senhor, nós passamos um verdadeiro quarto de hora cartesiano.

A C A N T O R A C A R E C A

BOMBEIRO

(dirige-se para a saída, e depois pára)

A propósito, e a Cantora careca?

Silêncio geral, constrangimento.

SRA. SMITH

Continua usando o mesmo penteado!

BOMBEIRO

Ah! Então até logo, senhores, senhoras.

SR. MARTIN

Boa sorte, e bom fogo!

BOMBEIRO

Esperemos que sim. Para todo mundo.

O Bombeiro vai embora. Todos o levam até a porta e voltam para seus lugares.

CENA 11



A C A N T O R A C A R E C A

Os mesmos, sem O BOMBEIRO

SRA. MARTIN

Posso comprar um canivete para o meu irmão, mas vocês não podem comprar a Irlanda para o seu avô.

SR. SMITH

A gente anda com os pés, mas não se aquece com eletricidade ou carvão.

SR. MARTIN

Quem hoje vende uma vaca, amanhã não terá nem meia pataca.

SRA. SMITH

Na vida, é preciso olhar pela janela.

SRA. MARTIN

Pode-se sentar na cadeira, quando cadeira não há.

SR. SMITH

Deve-se sempre pensar em tudo.

SR. MARTIN

O teto fica em cima, o assoalho fica em baixo.

SRA. SMITH

Quando eu digo sim, é um jeito de falar.

SRA. MARTIN

Cada um tem seu próprio destino.

SR. SMITH

Pegue um círculo, faça-lhe umas carícias, e ele se tornará vicioso!

SRA. SMITH

O mestre-escola ensina as crianças a lerem, mas a gata amamenta seus filhotes quando eles são pequenos.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Enquanto a vaca nos dá seus rabos.

SR. SMITH

Quando estou no campo, aprecio a solidão e a calma.

SR. MARTIN

Você ainda não está velho o suficiente para isso.

SRA. SMITH

Benjamin Franklin tinha razão: você é menos tranquilo que ele.

SRA. MARTIN

Quais são os sete dias da semana?

SR. SMITH

Monday. Tuesday. Wednesday. Thursday. Friday. Saturday. Sunday.

SR. MARTIN

Edward is a clerck; his sister Nancy is a typist, and his brother William a shop-assistant.

SRA. SMITH

Que família estranha!

SRA. MARTIN

Mais vale um pássaro num campo que uma meia numa baleia.

SR. SMITH

É melhor um filé num chalé que uma costela num castelo.

SR. MARTIN

A casa de um inglês é seu verdadeiro castelo.

SRA. SMITH

Eu não sei espanhol o suficiente para me fazer entender.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Eu lhe darei os chinelos da minha sogra se você me der o caixão do seu marido.

SR. SMITH

Estou procurando um padre monofisista para casá-lo com a nossa empregada.

SR. MARTIN

O pão é uma árvore ao passo que o pão também é uma árvore, e do carvalho nasce um carvalho, todas as manhãs ao nascer do sol.

SRA. SMITH

Meu tio vive no campo mas isto não é da conta da parteira.

SR. MARTIN

O papel é para escrever, o gato é para o rato. O queijo é para unhar.

SRA. SMITH

O automóvel anda muito depressa, mas a cozinheira prepara melhor os pratos.

SR. SMITH

Não sejam patos, é melhor beijar o conspirador.

SR. MARTIN

Charity begins at home.

SRA. MARTIN

Espero que o aqueduto venha me visitar no meu moinho.

SRA. MARTIN

Pode-se provar que o progresso social fica bem melhor com açúcar.

SR. SMITH

Abaixo a graxa!

Na seqüência desta última réplica do Sr. Smith os outros se calam por um instante, estupefatos. Sente-se que há um certo nervosismo. As batidas do relógio também são mais nervosas. As réplicas que se seguem devem ser ditas, primeiro, num tom glacial, hostil. A hostilidade e o nervosismo irão crescendo. No fim desta cena, os quatro personagens deverão estar de pé, bem perto uns dos outros, gritando suas réplicas, punhos erguidos, prontos a se atirarem uns sobre os outros.

SR. MARTIN

Não se faz os óculos brilharem com graxa preta.

SRA. SMITH

É, mas com dinheiro a gente pode comprar tudo o que quiser.

SR. MARTIN

Eu prefiro matar um coelho que esfolar o joelho.

SR. SMITH

Cacatua, cacatua, cacatua, cacatua, cacatua, cacatua, cacatua, cacatua, cacatua, cacatua.

SRA. SMITH

Que cagada, que cagada.

SR. MARTIN

Que cascata de cagadas, que cascata de cagadas.

SR. SMITH

Os cachorros têm pulgas, os cachorros têm pulgas.

SRA. MARTIN

Cacto, cóccix! Coco! Cocar! Coxo!

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Encaixotador, você nos encaixota.

SR. MARTIN

Eu prefiro ganhar meia pataca que roubar uma vaca.

SRA. MARTIN
(escancarando a boca)

Ah! oh! ah! oh! deixe-me ranger os dentes.

SR. SMITH

Capivara!

SR. MARTIN

Vamos dar na cara do Ulisses.

SR. SMITH

Vou morar na minha cabana nos meus cacaeiros.

SRA. SMITH

Os cacauzeiros dos cacauais não dão coca, dão cacau! Os cacauzeiros dos cacauais não dão coca, dão cacau! Os cacauzeiros dos cacauais não dão coca, dão cacau!

SRA. SMITH

As ratazanas têm pestanas, as pestanas não têm ratazanas.

SRA. MARTIN

Não mexa na chave.

SR. MARTIN

Deixe a chave.

SR. SMITH

Enxota o chagal, chagal não o enxota.

SRA. MARTIN

O chagal se encharca.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Chacal machuca chacal.

SR. SMITH

Muxoxo chocho.

SRA. MARTIN

Seu Chalaça!

SRA. SMITH

Sua bruxa!

SR. MARTIN

Vou te esfregar isso na fuça!

SR. SMITH

Te jogo da montanha-russa.

SRA. MARTIN

A bruxa fecha a brecha com a broxa.

SRA. SMITH

Não mexa aí, ela está quebrada.

SR. MARTIN

Sully!

SR. SMITH

Prudhomme!

SRA. MARTIN, SR. SMITH

François.

SRA. SMITH, SR. MARTIN

Coppeé.

SRA. MARTIN, SR. SMITH

Coppée Sully!

SRA. SMITH, SR. MARTIN

Prudhomme François.

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. MARTIN

Seus cacarejadores!

SR. MARTIN

Marieta bate o cu na sarjeta!

SRA. SMITH

Khrishnamurti, Khrishnamurti, Khrishnamurti.

SR. SMITH

O papa derrapa! O papa não tem papada! A papada está no papo.

SR. MARTIN

Bazar, Balzac, Bazaine.

SR. MARTIN

Bizarro, bezerro, besouro!

SR. SMITH

A, c, i, o, u, a, c, i, o, u, a, c, i, o, u!

SRA. MARTIN

B, c, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t, v, w, x, z!

SR. MARTIN

Do alho ao óleo, do olho ao alho!

SRA. SMITH

(imitando um trem)

Tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf, tuf!

SR. SMITH

Não!

SRA. MARTIN

É!

SR. MARTIN

Por!

A C A N T O R A C A R E C A

SRA. SMITH

Aí!

SR. SMITH

É!

SRA. MARTIN

Por!

SR. MARTIN

A!

SRA. SMITH

Qui!

Todos juntos, no auge do furor, berram uns no ouvido dos outros. A luz se apagou. No escuro, ouve-se, num ritmo cada vez mais rápido:

TODOS JUNTOS

Não é por aí, é por aqui, não é por aí, é por aqui.

As palavras cessam bruscamente. De novo, luz. O Sr. e a Sra. Martin estão sentados como os Smith no início da peça. A peça recomeça com os Martin, que dizem exatamente as mesmas falas dos Smith na primeira cena, enquanto a cortina se fecha lentamente.

CORTINA

